

O PAÍS

Amazonino suspeito de cartelização

Oposição acusa governador de controlar mais duas empreiteiras campeãs de obras no estado

Denise Rothenburg e Mônica Gugliano

MANAUS

O governador Amazonino Mendes está sendo acusado por parlamentares de oposição de controlar pelo menos mais duas empreiteiras que, juntamente com a Econcel, figuram entre as campeãs em recebimento de recursos do estado e da Prefeitura de Manaus: a construtora Exata e a Capa Construções e Pavimentações. As duas estão registradas em nome de Otávio Raman Neves, amigo de Amazonino e dono da casa em que mora o governador, alugada por R\$ 7 mil.

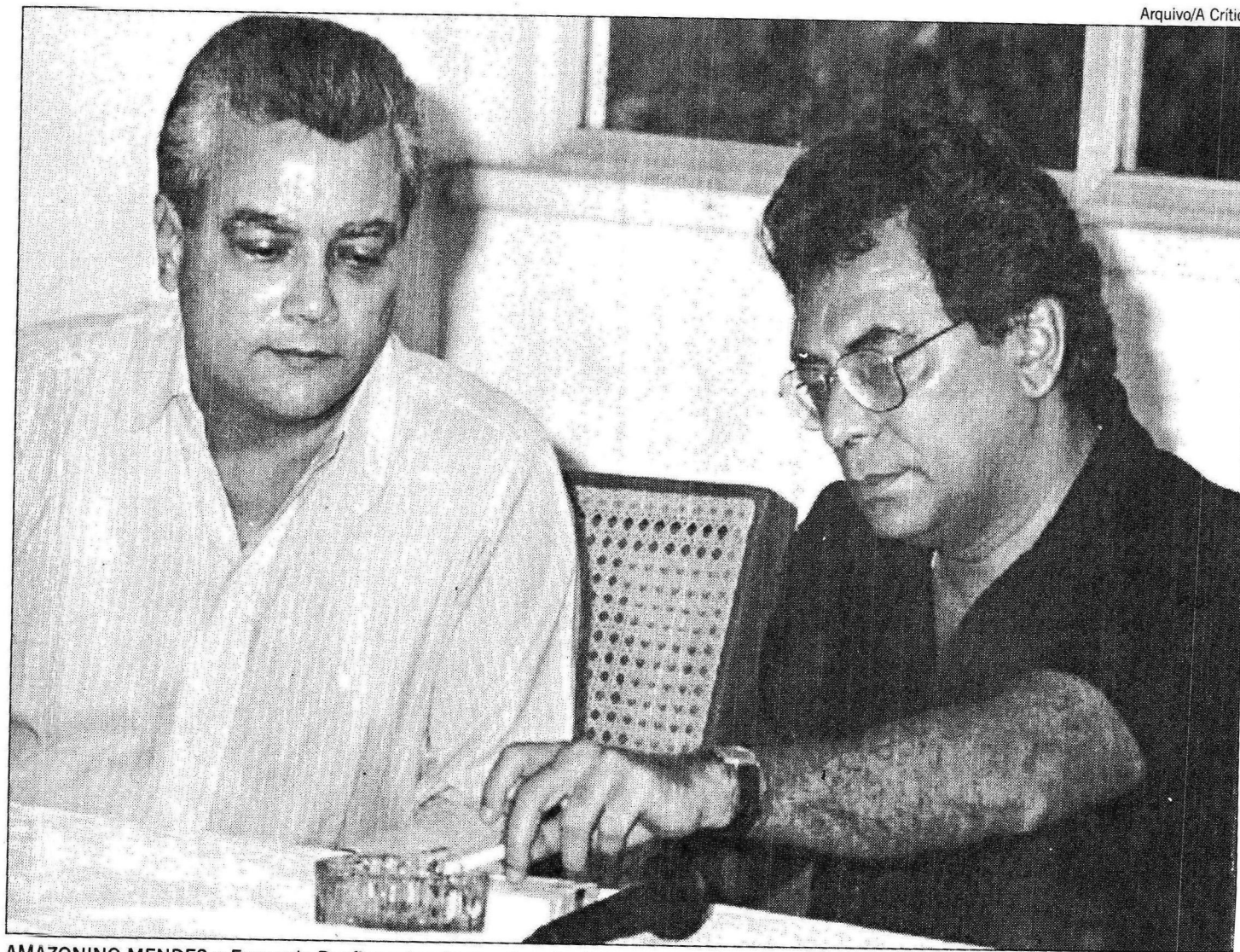
Em 1995, primeiro ano de governo de Amazonino, a Exata foi a empresa que mais faturou em obras no estado. Segundo o líder do PCdoB na Assembleia Legislativa, Eron Bezerra, a análise de contratos publicados pela Prefeitura e pelo Governo mostra que a Exata faturou R\$ 50 milhões. A Econcel ficou em segundo lugar, com R\$ 34 milhões, e a Capa, em 12º, com R\$ 11,6 milhões. Em sexto está a Marmud Cameli, da família do governador do Acre, Orleir Cameli. Coincidência ou não, a Econcel venceu, em 22 de abril, concorrência para ampliação do Complexo Penitenciário Francisco Conde, em Rio Branco.

— A entrada dessas empreiteiras no estado coincide com as gestões de Amazonino, na Prefeitura e no Governo. No caso da Exata e da Capa, outra coincidência: têm Raman ou algum parente como sócio. Que o governador está por trás dessas empresas, não temos dúvidas. O difícil é obter as provas. É isso que faríamos com uma CPI, mas o Governo não nos deixa instalá-la, porque sabe que não resiste a uma investigação que envolva quebra de sigilo bancário, telefônico e fiscal — disse Bezerra.

Empresa começou a atuar depois que Amazonino se elegeu governador

A Capa começou a atuar no Amazonas em 3 de maio de 1995, quatro meses depois de Amazonino assumir o Governo. A Capa venceu, em 1995, concorrência de R\$ 7,4 milhões para fornecer à Companhia de Saneamento do Amazonas (Cosama) 150 mil hidrômetros. Mas até hoje só instalou três mil, segundo o deputado Luiz Fernando (PSDB-AM).

Os registros da Marmud Cameli apontam que a empresa começou a trabalhar no Amazonas em julho de 1995, quando Amazonino já era governador. Os contratos da Econcel mostram que ela começou a atuar em 23 de janeiro de 1992,



AMAZONINO MENDES e Fernando Bonfim antes do rompimento: hoje o governador se queixa de ingratidão e teme novas denúncias

ano em que Amazonino se elegeu prefeito de Manaus. A Exata, que tem como sócio Suheil Raman Neves, parente de Otávio, atua desde 1986, ano em que Amazonino foi eleito governador pela primeira vez.

O fato de a Marmud Cameli ter ingressado no estado só em 1995 não foi empecilho para seu sucesso. A empresa obteve R\$ 18,3 milhões em contratos, dos quais R\$ 16 milhões foram sem licitação, segundo o relatório do Tribunal de Contas do Estado (TCE) sobre as contas do Governo em 1995. Ela aparece em segundo lugar em contratos sem licitação, só perdendo para a Econcel, que figura com R\$ 19 milhões recebidos sem licitação. A irregularidade na dispensa de licitação está entre os 19 problemas que o TCE encontrou nas contas de Amazonino, que foram aprovadas.

O governador não quis receber O GLOBO para falar sobre o assunto e nem comentar a denúncia de Fernando

Bonfim. O GLOBO e o “Correio Brasileiro” publicaram reportagens sobre as gravações feitas pelo testa-de-ferro Bonfim, durante reunião com Armando Mendes, filho do governador. Em entrevista publicada pelo jornal “A Crítica”, Amazonino contestou as informações gravadas por Bonfim e disse que ninguém vai conseguir provar qualquer ato de corrupção em seu Governo. Mas caiu em contradição ao responder se temia novas denúncias de Bonfim:

Governador se queixa de ingratidão de Bonfim e teme novas denúncias

“Como ele era uma pessoa que privou sempre da minha intimidade, só Deus sabe o que pode ter ainda, já que chegou ao ponto de gravar conversas, segundo consta, até com o meu filho, a quem ele viu nascer e que o chamava de tio”, afirmou.

Ontem, o governador pediu ao TCE que faça uma auditoria nos contratos

de sua administração com a Econcel. Na entrevista publicada pela “Crítica”, disse que jamais teve qualquer relação com essa empresa ou com qualquer outra, desmentindo as denúncias feitas pela oposição.

“Essa empresa jamais foi minha. Nem essa, nem nenhuma outra. Estou magoado. Ninguém vai conseguir provar favorecimento no meu Governo. Por sorte minha, essa empresa ganhou várias licitações e não levou”, disse, sem negar que a voz da fita seja do filho.

Ontem, o governador recebeu cartas de solidariedade da família de Samek Rosenski, o empresário assassinado em São Paulo em 1993, que foi mencionado pelo filho de Amazonino, Armando, na gravação feita por Bonfim. A carta, assinada pela viúva e por dois filhos de Rosenski, se refere ao governador como um amigo querido e rejeita a hipótese de sua participação no assassinato.

Outro a prestar solidariedade foi o se-

nador Bernardo Cabral (PFL-AM). Mas Cabral foi mais contido. Ao ser perguntado sobre as gravações, foi claro:

— Ele é filho do governador e não meu filho — disse.

PFL tenta isolar as acusações a Amazonino para não incentivar CPI

O esforço do PFL para evitar a instalação da CPI da reeleição, destinada a apurar as denúncias de compra de votos de deputados, está levando o partido a isolar as acusações a Amazonino, envolvido também no caso. A cúpula pefelista pretende tratar o assunto em nível regional e a Executiva Nacional dificilmente tomará qualquer atitude contra o governador.

Mesmo a denúncia de que o governador é o proprietário da Econcel não motivou o partido. Uma sanção do PFL ao governador agora, avaliam os pefelistas, poderia dar mais argumentos aos defensores da CPI. ■